

Recebido em: 24 de setembro de 2018
Aprovado em: 15 de dezembro de 2018
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
RPR | a. 16 | n. 1 | p. 103-122 | jan./abr. 2019
DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v1i0.1739>

LIMA BARRETO: APONTAMENTOS SOBRE FOOTBALL E PROTAGONISMO NEGRO NO BRASIL

LIMA BARRETO: FOOTBALL AND BLACK
PROTAGONISM APPOINTMENTS IN BRAZIL

José Antônio dos Santos

Doutor em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).
Servidor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).
E-mail: joseants@hotmail.com.

RESUMO

O artigo acompanha, por meio das crônicas de Lima Barreto, alguns argumentos contrários à entrada do futebol no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Como escritor reconhecido na época, ele usou de sua influência pública para refletir sobre as “modernidades” que chegavam da Europa, dentre elas, o *football*, também para criticar as hierarquias sociais e o racismo que se reproduziam por meio da prática e do desenvolvimento do novo esporte. No caso, vou tratar dos questionamentos ao ingresso do futebol e sua influência na definição de um lugar destinado às mulheres e aos negros na nossa sociedade. O protagonismo negro no futebol entra em cena quando, em 1921, o Presidente da República, se pronuncia contra a participação dos jogadores negros no selecionado brasileiro.

Palavras-chave: Futebol. Protagonismo. Negros. Lima Barreto

ABSTRACT

The article accompanies, through the chronicles of Lima Barreto, some arguments against the entry of football in Brazil in the first decades of the twentieth century. As a recognized writer at the time, he used his public influence to reflect on the “modernities” that came from Europe, including football, also to criticize the social hierarchies and racism that were reproduced through the practice and development of the new sport. In this case, I will address questions about the entry of football and its influence on the definition of a place for women and blacks in our society. The black protagonism in football comes into play when, in 1921, the President of the Republic, pronounces against the participation of black players in the Brazilian national team.

Keywords: Soccer. Protagonism. Blacks. Lima Barreto

1 PONTAPÉ INICIAL

É comum os jornalistas e cronistas esportivos tecerem elogios a tudo o que o futebol representa para os brasileiros. Retomam a história das copas e dos grandes times; enaltecem a biografia dos melhores jogadores; ressaltam a importância da nossa seleção para a autoestima e para a identidade nacional. No caso, vou tratar das críticas e dos questionamentos ao ingresso do futebol, e sua influência na definição de um lugar destinado às mulheres e aos negros na nossa sociedade, a partir das crônicas de Lima Barreto publicadas nos anos de 1920.

A tentativa é colaborar para o maior entendimento da forma como o futebol se inseriu na nossa sociedade. Esmiuçar um pouco como o futebol modelou uma série de dramatizações sociais com as quais convivemos, e apontar algumas situações em que os negros se apropriaram do esporte como forma de protagonismo na defesa de seus interesses.

A seleção e o recorte das crônicas de Lima Barreto, um dos maiores escritores negros brasileiros, ainda pouco estudado a partir deste ponto de vista, foi com a intenção de alçá-lo à condição de meu principal interlocutor nas questões relativas ao desenvolvimento do futebol no Brasil. Estudo que se deu também, por meio de revisão bibliográfica sobre o negro no futebol brasileiro, e do diálogo com a imprensa negra e com alguns jornais que eram seus contemporâneos.

Lima, me dou o direito de chamá-lo assim, fazia parte de uma seleção minoritária de intelectuais que lutavam contra o futebol. Considerava esta prática esportiva como estrangeira e importada. Criticava o investimento de recursos públicos no futebol, que deixavam de ser aplicados na instrução e na saúde. Apontava o desinteresse pela leitura e pelo estudo da juventude em virtude do “jogo de pontapés”. Colocava o futebol no banco dos réus ao julgá-lo por fomentar “distinções idiotas e antissociais entre os brasileiros”.

Ele era um sujeito que tinha opiniões bem formadas sobre os principais aspectos culturais e políticos do início da República. Defendia seus pontos de vista com ironia e inteligência, utilizando algumas das dramatizações sociais permitidas pelo futebol na sua vida e obra. Segundo, DaMatta (1982) um traço essencial do drama é chamar a atenção, revelar, representar e apontar relações de todo tipo.

Lima Barreto utilizou o futebol para desvelar e criticar os valores de uma sociedade que se queria branca, civilizada e progressista. Nesse sentido, volto à ideia inicial de que o futebol, como um ritual ou drama que transcende as quatro linhas do campo, tanto revela quanto esconde. Transformamo-nos em outra pessoa quando entramos num estádio ou campo de futebol. Nossa “identidade nacional”, seja lá o que é isso, é acionada a cada hino que antecede um jogo da seleção brasileira. Mesmo assim, os jogadores negros são constantemente ofendidos racialmente, acusados de “amarelar” e fazer “corpo mole” quando das derrotas.

Sei que há um conjunto de valores socialmente aceitos que foram revelados aos brasileiros por meio da prática e da audiência do futebol. Dentre outros, a lealdade e a defesa das cores do time do coração; o esporte como possibilidade individual de ascensão e de reconhecimento público; a presunção de que dentro de campo somos todos iguais; a esperança e o amor ao país que se renovam a cada Copa do Mundo de Futebol.

Lima Barreto morreu muito cedo. A maioria dos aspectos positivos trazidos pelo futebol não teve o tempo necessário para ser reconhecido por ele. Como grande intelectual, Lima nos legou um precioso ponto de vista que revela outras faces do ingresso do futebol no Brasil. Muitas delas, infelizmente, ainda comungam com as críticas do cronista.

2 LIMALHAS DO FOOTBALL

As limalhas, restos de um metal quando é limado, são os resíduos ou sobras deixados por Lima em suas crônicas quando triturava, ao cerne, o gosto crescente dos brasileiros pelo futebol. Como dito acima, ele sempre foi um crítico ácido e empedernido contra o desenvolvimento do futebol em terras brasileiras.

Registrado Afonso Henriques de Lima Barreto, nasceu a 13 de maio de 1881, exatos sete anos antes da abolição da escravidão, e cerca de dez anos antes do futebol ter chegado às terras fluminenses. Nas primeiras décadas do século XX, quando os clubes de futebol pululavam em qualquer terreno baldio que encontravam, ele morava com seu pai insano e três irmãos no subúrbio carioca de Todos os Santos. Como arrimo de família, com vinte e poucos anos, ele fez concurso público para amanuense da Secretaria da Guerra do Rio de Janeiro, onde se aposentou por doença, em 1919.

Além dos aspectos de sua trajetória rasurados acima, não sei de onde vinha a sua inconformidade com o futebol. Ele viveu boa parte de sua vida no “mundo das letras”, foi cercado de livros, escritores e intelectuais até a sua morte. Desde jovem iniciou contribuição nos jornais e revistas da capital. Talvez, pelas responsabilidades familiares que teve que assumir logo depois dos vinte anos. Talvez, se tivesse a oportunidade de deleitar-se com uma *pelada*, digo, jogo de bola, tivesse uma opinião diferente.

O fato é que, em 1919, ao descrever “Uma partida de *football*”, compara o esporte ao “círculo romano”, com imperadores, sacerdotes, sacerdotisas e gladiadores. Era a elite carioca que se reunia para celebrar a sua “cultura e educação [...] nas arenas de jogo dos pontapés na bola”. A paixão dos torcedores por seu clube e a “luta ou guerra”, assim descrita nos jornais, muitas vezes, iniciava dentro de campo. Servindo de motivo para aqueles que não desejavam o desenvolvimento do esporte bretão no país.

A partir de setembro de 1919, Lima havia retornado à revista *Careta*, uma das mais prestigiadas da capital do país. Como colaborador regular, recebia salário fixo pelos textos, o que complementava a

sua aposentadoria por invalidez da Secretaria da Guerra. Sem o vínculo com o serviço público, que lhe impunha determinados cuidados com suas opiniões e convicções políticas, Lima reforçava o seu arsenal crítico atirando para todo lado. Com maior tempo para dispor à sua escrita, até a sua morte em 03 de novembro de 1922, foi um dos períodos mais férteis de suas crônicas cotidianas.

Como vimos nos capítulos iniciais, o jogo de futebol era descrito, reiteradamente, como uma disputa acirrada, verdadeira luta ou guerra entre duas equipes. Muitos aspectos do *football association* que chegou até nós levavam a essa conclusão. A divisão do campo entre defesa e ataque, limita territórios e cria sentimentos nos jogadores de que são inimigos. Os times buscam penetrar no território estrangeiro e atingir a meta – o gol. A bola de couro, conduzida com os pés, é o objeto de desejo em disputa por 22 contendores. É ela, mais do que os jogadores, que deveria “furar a defesa adversária”, mas algumas vezes acontecia o contrário.

Segundo o notável cronista negro, além de comparar o futebol com os espetáculos romanos, chamava a atenção também o comportamento das senhoras. O vocabulário, “rico no calão, veemente e colorido”, só poderia ser comparado ao dos “humildes carroceiros do cais do porto”. Se ele pudesse dar alguns exemplos nas páginas da revista *Careta*, só o faria se fosse em sânscrito, uma vez que eram impublicáveis. Elas eram parte da plateia descrita como “torcedoras”, expressão pouco usada para os demais expectadores de futebol da época. Entusiasmavam-se de tal forma que esqueciam todas as conveniências sociais. Participavam das “festações esportivas” até o final, mesmo quando acabavam “em rolo e barulho”.

Hoje se diz que a torcida é o décimo segundo jogador. O certo é que fora do campo os torcedores são movidos pelo o que se apresenta, ou não, dentro do gramado. O interesse pelo o que o jogo descortina é maior do que a simples competição, ganhar ou perder, muitas vezes, não significa o melhor ou pior resultado. Depende de uma trama complexa que relaciona o que acontece dentro de campo com o contexto social e político dos envolvidos.

Embora a partida possa ser “fora de casa”, as condições antes do início do jogo são iguais para os dois times. Ambos iniciam com o mesmo número de jogadores e devem seguir as mesmas regras, mas o resultado pode ser inusitado. Quanto mais decisivo for o jogo e o histórico das disputas, maior a expectativa pelo resultado e mais rivalidades entre os torcedores. Os dramas representados dentro de campo são vivenciados por homens e mulheres também fora dele. E podem durar dias ou anos. As pessoas que vivenciaram a perda da Copa do Mundo de 1950 choraram por quanto tempo? O 7 a 1 da última Copa disputada no Brasil (2014) vai doer até quando?

Desde o início do futebol no Brasil, no final do século XIX, ir aos campos de jogo é um evento familiar. A participação das mulheres nos *grounds*, sem dúvida, contribuiu para que elas deixassem de ser vistas

apenas como objetos decorativos dos eventos sociais e esportivos. Havia certo grau de sedução no fato de vinte e dois homens se apresentarem de calças curtas e mangas de fora em vigoroso exercício à luz do dia. As torcedoras, jovens ou maduras, acompanhavam pais, maridos e irmãos, vestiam suas melhores roupas e pagavam ingressos para ver o espetáculo. Por isso se sentiam à vontade para manifestar toda a sua empolgação com o jogo.

Na crônica citada, Lima nos aponta um aspecto quase não trabalhado na história social do futebol. A saber, a inserção, ou seria melhor dizer protagonismo, da mulher nesse meio esportivo. Inicialmente, quando o futebol era apanágio das elites, elas tinham comportamentos regulados pela civilidade e etiqueta ditados pelos homens. Mal emitiam algum som em jogada perigosa do seu time. Ou, quando de um gol do jogador do coração, abanavam seus lenços em sinal de aprovação. Menos de vinte anos depois, soltavam o verbo, aos gritos, com palavras de “baixo calão”.

O autor deixou registros das mulheres em várias crônicas semanais. Em geral, ele era bastante crítico aos desejos de participação social e política das senhoras e senhoritas, não apenas nos campos de futebol. No texto em foco, a intenção era desaprovar o exercício do “nobre esporte bretão” entre nós, mais do que criticar a presença das mulheres nos *grounds*.

Neste sentido, ele afirmava: “É mais uma conquista do *football*, essa da civilização vocal das senhoras e senhoritas”. A sociedade estava mudando seus hábitos e comportamentos, e as mulheres começavam a ter voz e vez, não apenas nas beiradas dos campos. Eram tempos de reivindicações femininas pelo direito ao “sufrágio universal” (voto), pelo acesso às universidades e ao serviço público, pelo fim da exploração sexual, dentre outras questões.

Muitas vozes se levantavam contra a opressão masculina. Cito os nomes de algumas mulheres, como: Albertina Bertha (1880-1953) que era escritora e colaborou em vários jornais, defendeu a criação da Academia Feminina de Letras. Bertha Lutz (1894-1976) era formada em biologia na França. Foi uma das maiores lideranças pelo voto feminino e pela igualdade de direitos entre mulheres e homens. Maria Lacerda de Moura (1887-1945) era anarquista. Ela publicou o livro, “A mulher é uma degenerada?”, em que defendia o amor livre e a educação sexual entre as mulheres. Ercília Nogueira Cobra (1891-1938) publicou, em 1922, “Virgindade inútil: novela de uma revoltada”, onde discutia a exploração das mulheres no trabalho e na vida sexual.

Lima era um homem de seu tempo, e se mostrava preocupado com a “revolução social” proposta pelas mulheres. Acompanhava nos jornais e nas rodas de intelectuais o que as principais lideranças feministas defendiam publicamente, e deixou registros contra alguns daqueles desejos.

Por um lado, a sua crítica se dava porque entendia que eram manifestações advindas de setores que representavam as mulheres brancas, das classes médias e altas. A maior parte das reivindicações

deixavam de lado os problemas das mulheres negras, operárias e demais trabalhadoras. Por outro, assim como o futebol, o cinema e o telefone, o feminismo também era tido por ele como uma influência estrangeira que colaborava para a decadência das famílias e para a desorganização nacional.

3 “ESSA COISA NÃO É DIVERTIMENTO, NÃO É ESPORTE”

Em outra crônica de dezembro de 1920, ele questionava: “Divertimento?”. Seria esse mesmo um dos objetivos do futebol, apenas divertir as pessoas? Segundo Lima, o divertimento era dele ao ler os jornais nas segundas-feiras. Os noticiários policiais e as crônicas esportivas o faziam rir alegremente ao tomar conhecimento de tamanha confusão e “barulhos nos *matches*”.

No correr do texto ele apresenta parte de uma notícia de jogo entre Botafogo e São Cristóvão. A disputa caracterizou-se por uma “grande desordem” quando um dos jogadores do São Cristóvão agrediu o adversário. A agressão fez com que os times abandonassem as regras e se engalfinhassem na confusão. Os torcedores, partidários de um e outro clube, também invadiram a arena e o conflito generalizou-se.

Houve socos, bengaladas, rasteiras e cabeçadas de parte a parte. Parecia até uma roda de capoeira. Foi preciso a intervenção enérgica das autoridades para que o “rolo” cessasse. Segundo ele, foi apenas quando a “assistência” compareceu que os ânimos se acalmaram. Felizmente, não ocorreu nenhuma morte.

Coisa parecida havia se passado em outros campos de futebol espalhados pelo Rio de Janeiro naquele final de semana. Levando-o a afirmar, que: “Essa coisa não é divertimento, não é esporte. Pode ser tudo, nunca isto”. Terminava dizendo que seria mais lógico seguir as regras do futebol norte-americano. Os jogos entre as universidades de Yale e Harvard eram realizados com armaduras e com a assistência de médicos e enfermeiros.

Quando do ingresso do futebol em Porto Alegre, havia notável confusão do futebol de origem inglesa com o praticado nos Estados Unidos. É o caso verificado acima. Há exageros nas considerações do autor. Isso fica acentuado quando compara os dois esportes. Sabemos, que as disputas iniciadas no campo de futebol, muitas vezes, descambam para o quebra-quebra ou tira-teima entre as torcidas.

Resolvi seguir os passos sugeridos por Lima e fui atrás de uma de suas leituras matinais para entender o mundo que ele via. Escolhi o jornal *Correio da Manhã*, onde ele iniciou no jornalismo, em 1905, com a série de reportagens “Os subterrâneos do Morro do Castelo”. Como atualmente as pesquisas na internet estão facilitadas, entrei no repositório de jornais digitalizados da Biblioteca Nacional. Encontrei a coleção do *Correio da Manhã* e me detive no número publicado na quinta-feira, dia 16 de junho de 1921. Fui logo para a coluna “*Correio Sportivo – Football*”, e vi estampada a seguinte manchete: “O que resolveu o Conselho da Primeira – suspensões, multas e novas escalas”.

O diário trazia informações sobre a reunião do Conselho da Primeira Divisão do futebol carioca para tratar do resultado do jogo entre os times do Vasco e do Americano. Conforme eram descritas as penalidades aplicadas aos jogadores e aos clubes, temos uma amostra do que eram os “rolos” e os “barulhos” a que se referia Lima Barreto. Eram muitas as confusões que envolviam um dos principais centros de difusão do futebol do país.

O Conselho disciplinar da principal divisão do futebol carioca queria melhorar a imagem do esporte perante a sociedade criando formas de punição, como: “[...] a suspensão de 9 matchs por ter tentado agredir o juiz; [...] a suspensão de 7 matchs por ter insultado o juiz; [...] a suspensão de 15 dias por tentar agredir um jogador do Americano”; multas e novas escalas de jogos aos clubes envolvidos, dentre outras. Não devia ser simples, como ainda não é, controlar aquela que se tornava uma das principais paixões nacionais.

Lima tinha a sua razão. Tudo indicava que aquele Conselho havia trabalhado bastante nos últimos meses. O jornal trazia informações de que: “[...] usando da máxima energia, como ultimamente vem fazendo, em favor da moral *sportiva*, que vem de sofrer alguns golpes”. Ao que parece, os “golpes” contra o futebol eram rotineiros. Para manter a moralidade esportiva perante uma sociedade que tinha os seus críticos, era necessário criar formas de conter os “ânimos guerreiros” dos jogadores. Como vi em outras reportagens a violência era generalizada, não era apenas entre os jogadores, se estendia aos torcedores e dirigentes.

Aquela mesma notícia encerrava com o seguinte destaque: “Caso mais vergonhoso ainda!”. Teria sido a tentativa de agressão de um membro do dito Conselho que aplicou as penas. Segundo o jornal, teriam comparecido pessoas infiltradas na reunião. Elas acompanhavam alguns dirigentes e teriam procurado atingir um deles com socos e provocações pessoais.

Eu selecionei a manchete acima porque o título me chamou a atenção logo na primeira leitura. Acompanhando a coleção do Correio da Manhã é possível perceber uma das razões pelas quais Lima pregava contra o futebol. Eram recorrentes as reportagens sobre agressões entre jogadores, destes com os juízes, e entre os torcedores. Ao mesmo tempo em que o futebol se tornava cada vez mais popular, os contornos elitistas, demarcados pela classe social e pela cor das pessoas, eram mais nítidos. Dirigentes, torcedores e jogadores procuravam se distinguir pelos locais dos jogos, pelas formas de se vestir e de se comportar.

Os primeiros clubes fundados no Rio de Janeiro, o Rio Football Club e o Fluminense Football Club, em 1902. Seguidos pelo Botafogo Football Club, em 1904, eram oriundos da mais alta sociedade. Logo o esporte foi se desenvolvendo e tomando conta dos corações e mentes de boa parte da sociedade

brasileira. Afinal, a cidade do Rio de Janeiro iniciava a se tornar a “cidade maravilhosa”, de onde eram copiados os costumes e os modelos de organização social e política que se espalhavam pelo país. Por sua vez, os cariocas se inspiravam na cultura e na civilização que chegavam da Europa, principalmente, da França.

Criar regras e punições eram tentativas que os clubes da “primeira divisão” usavam para se diferenciar das demais ligas e associações desportivas dos meios populares. O elitismo do futebol reproduzia aspectos da segregação geográfica, racial e classista, reforçando um conjunto de “bons comportamentos” aceitáveis na sociedade. Era uma série de aspectos distintivos: negros e brancos, pobres e ricos, atrasados e civilizados, brasileiros e europeus, severamente criticados por Lima.

Em artigo publicado na revista *Careta*, de 08 de abril de 1922, ele lembrava, de quando fundou a “Liga Brasileira contra o Futebol”. Conforme o texto, Lima escreveu: “O que me moveu, a mim e ao falecido Mário Valverde, a fundar a liga foi o espetáculo de brutalidade, de absorção de todas as atividades que o *football* vinha trazendo à quase totalidade dos espíritos nesta cidade”.

Eles fundaram a “Liga Contra o Futebol”, possivelmente, em 1918. Mas, como sabemos, ela não teve vida longa. Lima informava que foi por falta de dinheiro. Os fatos demonstram que foi por falta de pessoas que comungassem com as suas ideias. O novo esporte tinha, incomparavelmente, mais pessoas que eram favoráveis ao seu desenvolvimento no Brasil do que aquelas que eram contrárias.

O futebol tomava o país de uma forma avassaladora, como nenhuma vez na nossa história havia acontecido. Os jornais passaram a ter colunas esportivas específicas para o *football*, páginas inteiras eram ocupadas com histórias de *matches* e disputas entre *backs* e *forwards*. Nos bondes, nos trens, nos cafés, nas confeitarias, nas esquinas, nas escolas e nas conversas familiares, em todo o lugar falava-se sobre os principais jogos e do “sururu” do último final de semana.

Veja a imagem abaixo que reproduz propaganda de cinema que apresentava o jogo dos “Brasileiros” contra os “Paraguayos”.

Figura 1 - Recorte do jornal Correio da Manhã



Fonte: Correio da Manhã, do dia 24 de outubro de 1921

A última folha (contracapa) do jornal carioca era ocupada em boa parte pela propaganda que estampava: “Continuação deste sucesso que só a ODEON proporciona, a continuação do Campeonato Sul-Americano de Foot-Ball”, que acontecia na Argentina, de 02 a 30 de outubro de 1921. O Campeonato desse ano era a quinta edição da competição, sendo disputada pelo Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai. O jogo anunciado havia acontecido no dia 12 de outubro de 1921, e os “Brasileiros” haviam vencido por 3 a 0, com dois gols de Machado e um de Candiota.

Preste a atenção no recorte acima, sobressai a imagem “desse grande keeper patricio – KUNTZI”, que era o goleiro do selecionado brasileiro. De fato, Kuntz teve atuação destacada naquele Sul Americano, foi onde

ganhou o apelido de “El coloso” e tango uruguaio com o mesmo nome. Na abertura do torneio, o Brasil havia perdido o primeiro jogo para os Argentinos por 1 a 0. Como o Campeonato ainda estava em andamento e, em 1919, no Rio de Janeiro, tínhamos sido campeões pela primeira vez, havia otimismo pela recuperação.

As críticas de Lima, ao futebol e ao cinema, se encontravam juntas na propaganda do Odeon, que era uma das principais casas de cinema do Rio de Janeiro. Estava localizado no centro da cidade, em espaço que ficaria conhecido por Cinelândia, justamente, por concentrar grande quantidade de cinemas. A sala era controlada pela principal empresa brasileira de cinemas, a “Companhia Brasil Cinematográfica”, fundada, em 1911. O presidente da Companhia era o espanhol Francisco Serrador, que importava, realizava e distribuía filmes mudos, chamados “naturais”. Eram filmagens realizadas no calor do acontecimento, quase um documentário ou telejornal, que depois eram projetadas nos principais cinemas do país.

Ao pesquisar nos jornais da época tive a certeza que alguns aspectos daquela sociedade criticada por Lima Barreto eram bem maiores que suas críticas. Projetar um jogo de futebol, alguns dias depois de ter acontecido fora do país, num dos principais cinemas da capital, representava um avanço tecnológico que não tinha limites. A “Companhia Brasil Cinematográfica” possuía mais de 400 salas de cinema espalhadas por todo o Brasil. Tudo indicava que a sociedade se rendia ao futebol e ao cinema que se tornavam os principais meios de diversão de todas as camadas sociais, desbancando os teatros, circos e cafés-concertos.

4 LIMA BARRETO NÃO ERA HOMEM DE DESISTIR

Em 1920, Lima Barreto publicou uma crônica em que revelava as “Vantagens do *football*!”. Ele dizia não ter dúvidas que “o jogo de *football* era um divertimento sadio, inócuo e por demais vantajoso para a boa saúde dos jogadores”. Em seu tom costumeiro, desde o título, o texto está recheado de ironia e sarcasmo.

Afirmava não querer “passar como retrógrado e atrasado” e se juntava a Coelho Neto, Gilberto Freyre, e outros “homens de letras” que defendiam o esporte bretão. Com essa intenção, ele havia coletado nos jornais diários do Rio de Janeiro uma série de notícias “edificantes sobre as excelentes vantagens do divertimento de dar pontapés em uma bola”.

O futebol fazia parte de uma discussão nacional que envolvia a saúde pública. Havia uma discussão quente, entre aqueles que defendiam a prática dos esportes como necessária para a saúde e o aprimoramento físico da juventude, e outros que entendiam o esporte como o “primado da ignorância e da imbecilidade”. Políticos, médicos, jornalistas, escritores e esportistas deixaram registros em que se posicionavam contrários ao esporte pelo prejuízo que sua prática imoderada traria ao corpo e à inteligência dos jovens.

Um dos argumentos era que a dedicação era tanta à prática desportiva que não deixava tempo, nem energias, para o estudo. O esgotamento energético também serviria para justificar os “desequilíbrios”, as agressões físicas e os desajustamentos verificados nos campos de futebol. Fatos que aproximavam os homens e, também, as mulheres torcedoras, dos comportamentos animais.

Na crônica, inclusive, Lima utilizava o recurso literário da sátira para descrever um evento organizado pela Liga Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro. Segundo ele, a “Liga Metropolitana dos Trancos e Pontapés” estava organizando uma conferência esportiva que seria proferida pelo “doutor Francoso Hell Jacuencanga”. O principal tema a ser tratado, era: “A educação física, o *football* e as suas conquistas e progressos, entre nós”.

Como era usual em sua obra literária, também nas crônicas contra o futebol, ele usava de artifícios criativos e literários para demonstrar a sua irritação com a elite carioca. No caso, ele recriava o nome da principal liga de futebol carioca, satirizando uma de suas “conferências”. Nada mais comum, naquele agrupamento de pessoas das elites da capital do país, que se queria demonstrar “ilustrada” e superior às demais, do que realizar “conferências”. Ainda mais que o “doutor Hell Jacuencanga”, criado por Lima, não devia ser um qualquer.

A sua paciência de colecionador demonstrava que o *foot-ball* ocupava as páginas policiais do Correio da Manhã, e de outros diários como o Jornal do Comércio, O Estado e o Rio-Jornal. Eram muitos os casos de acidentes publicados em que adultos e crianças eram vitimados por fraturas de pernas e braços, brigas e mortes, em função da prática de “tão delicado jogo” e pela “paixão do football”.

Como escritor, jornalista e leitor atento à produção literária de seu tempo, Lima também criticava a escrita dos cronistas esportivos. Segundo ele, os profissionais preocupados com a rotina do futebol tinham a pretensão de dar significado literário ao que escreviam diariamente. Mostrava-se preocupado com os modismos do seu tempo, o que deixou registrado da seguinte forma:

Comecei a observar e a tomar notas. Percebi logo existir um grande mal que a atividade mental de toda uma população fosse absorvida para assunto tão fútil e se absorvesse nele; percebi também que não concorria tal jogo para o desenvolvimento físico dos rapazes, porque verifiquei que, até numa sociedade, eram sempre os mesmos a jogar; escrevi também que eles cultivam preconceitos de toda sorte; foi então, que me insurgi.

O “assunto tão fútil”, tido como um “grande mal” que ocupava a atividade mental de toda uma população, era o futebol. Que reproduzia “preconceitos de toda sorte” em que “eram os mesmos sempre a jogar”, passavam ao largo das preocupações dos cronistas esportivos. Existia a “Associação de Cronistas Desportivos” que, desde 1916, organizava torneios de clubes amadores de futebol no Rio de

Janeiro. Na Bahia, tinha a “Associação Bahiana de Cronistas Desportivos”, entidades que contribuía para a divulgação, massificação e consumo do “novo esporte”. Era o momento em que o futebol ocupava um espaço temático (colunas) nos jornais, contribuindo para o maior respeito e profissionalização daqueles que estavam envolvidos na sua divulgação.

Por outro lado, é interessante pensar que a prática esportiva estava no centro de uma discussão nacional. O artigo citado, intitulado, “Como resposta”, foi escrito em retorno a uma missiva recebida de Porto Alegre. Ela teria sido enviada por Afonso de Aquino, descrito por Lima como “meu saudoso amigo”, em que informava sobre o livro do escritor e jurista, Carlos Sussekind de Mendonça (1899-1968).

Segundo Lima, o “veemente e ilustrado trabalho do doutor Sussekind”, lançado em 1921, levava o sugestivo título de: “O sport está deseducando a mocidade brasileira”. O livro foi um dos primeiros manifestos contra o desenvolvimento do esporte em geral, principalmente, o futebol, que crescia mais do que todos os outros segmentos esportivos. O futebol seria fonte de prejuízos morais, físicos e educacionais para os seus praticantes, o que contribuiria para o descalabro da nossa nacionalidade.

O nosso cronista já havia tratado do livro de Sussekind, na Gazeta de Notícias, de 07 de fevereiro de 1922. No artigo, “Baile e divertimentos suburbanos”, Lima falava da licenciosidade das danças modernas que invadiam o Rio de Janeiro. Ele iniciava o texto com a informação de que na sua modesta residência, que denominava “Vila Quilombo”, esteve acordado até às quatro da matina por causa de “polcas adoidadas e violentamente sincopadas” que foram executadas durante toda a noite.

Pela manhã, ao perguntar a sua irmã, Evangelina, “se nos dias presentes não se dançavam mais valsas, mazurcas, quadrilhas ou quadras”. Foi informado, que: “ – Não se gosta mais disso... O que apreciam os dançarinos de hoje, são músicas apolcadas, tocadas *à la diable*, que servem para dançar tango, *foxtrot*, *ragtime* e... um tal de *shimmy*”.

Ele não escondia o saudosismo dos tempos em que naquelas paragens, não havia noites em que ao voltar para casa, não topasse com uma festa familiar. Eram os bailes, ou choros, como se dizia na gíria da época. Para reforçar o seu argumento contrário às invasões estrangeiras nos costumes cariocas, ele se apoiava no livro do “doutor Sussekind”. O próprio título já dizia a que vinha, “O sport está deseducando a mocidade brasileira”.

Lima ia mais longe ao afirmar, que:

O meu estimado Mendonça atribui o “andaço” dessas danças desavergonhadas ao futebol. Pode haver certo exagero – não ponho em dúvida tal coisa –, mas o tal de futebol pôs tanta grosseria no ambiente, tanto desdém pelas coisas de gosto, e reveladoras de cultura, tanta brutalidade de maneiras, de frases e de gestos, que é bem possível não ser ele isento de culpa no recrudescimento geral.

Mais uma vez Lima encontrava motivos para desaprovar o futebol. Mesmo ao considerar certo exagero de Carlos Sussekind de Mendonça, que relacionava o desenvolvimento do futebol à entrada das músicas e danças estrangeiras no “set carioca”. Ele também visualizava esse “andaço” (entendido na época, como pequena epidemia) nos bailes e divertimentos suburbanos por onde circulava. Como uma doença infecciosa, juntamente com o futebol, entravam novos hábitos culturais e comportamentais na sociedade carioca.

Depois de chegar do estrangeiro, ser aprovado pela elite carioca e ser copiado pelo povo, o futebol era apontado como culpado pela “grosseira” e pela “brutalidade de maneiras, frases e gestos” dos meios populares. Tudo vinha sendo modificado por influência do futebol. Responsabilizado pelas “danças desavergonhadas” que chegavam do estrangeiro, ele era considerado verdadeiro flagelo da cultura popular. Meio social com o qual Lima se identificava, onde mais sentia as mudanças da urbanização e da industrialização da cidade que nasceu e morreu.

Segundo ele, os teatros de amadores que se espalhavam pelos subúrbios estavam sendo transformados em cinemas. Pasmem! Até o pianista, o célebre pianista dos grandes bailes e concertos, estava sendo monopolizado pela arte da grande tela. O maestro e pianista Ernesto Nazareth (1863-1934), um dos mais reconhecidos, foi empregado do cinema. Tocava na sala de espera do Cine Odeon, em 1917, quando fez uma das suas principais composições, o tango “Odeon”.

Os ternos de flauta, cavaquinho e violão eram substituídos pelos *jazz-bands* e orquestras. Também o carnaval, não escapava da escrita ferina de Lima: “é ele, tão igual por toda a parte, que foi impossível, segundo tudo faz crer, ao subúrbio dar-lhe alguma coisa de original”. Mesmo tendo como berço a cultura popular, sob o influxo da modernidade, os subúrbios cariocas pareciam não ter forças para preservar e renovar o carnaval. O futebol não era “isento de culpa”.

5 “MACAQUITOS”, ATÉ O PRESIDENTE CONTRA OS JOGADORES NEGROS

Em 23 de outubro de 1920, o autor de “República das Bruzundangas”, publica a crônica “Macaquitos” nas páginas da revista Careta. Ele informava que o título foi usado por um jornal de Buenos Aires, quando uma equipe brasileira de futebol passou na capital argentina. O time voltava do Chile onde teria ido disputar um campeonato internacional.

No texto em questão, Lima argumentava:

Precisamos nos convencer de que não há nenhum insulto em chamar-nos de macacos. O macaco, segundo os zoologistas, é um dos mais adiantados exemplares da série animal; e há mesmo competências que o fazem, senão pai, pelo menos primo do homem. Tão digno “totem” não nos pode causar vergonha.

O arrazoado dele ia longe ao apresentar alguns dos vários povos que tinham animais como totens ou símbolos que representavam proteção ou ancestralidade. Resultado de lendas e tradições, muitas nações usavam bichos para buscar plasmar diferenças étnicas e culturais em relação a outros povos. Ele citava a França que tinha o galo; os russos, o urso; a Prússia e a Áustria que tinham nas suas bandeiras a águia; a Inglaterra, o leopardo e o unicórnio; a Bélgica, o leão. Todos os animais eram desqualificados de alguma forma pelo autor.

Na mesma medida, Lima ressaltava as qualidades do macaco. Ele era “inteligente e ladino”, enquanto o galo: “Nem mamífero é!”. “Frugívoro”, não se alimentava de carne como o leão, o urso e o leopardo. E, para arrematar a sua defesa do macaco, ele era o “parente [mais] próximo do homem”. O macaco povoava o imaginário dos brasileiros, que tinham os seus feitos e desfeitos reproduzidos no universo das histórias populares.

É importante observar a ironia requintada e a inteligência fina do nosso autor que ressignificava uma representação negativa do animal. Em geral, tido como pouco inteligente, com cara e postura primitiva, que remete aos primórdios da humanidade. Ele procurava demonstrar que a expressão pejorativa, usada no jornal argentino para caracterizar os jogadores brasileiros, podia servir como expressão da nossa nacionalidade. Muitos países, tidos como civilizados tinham os seus totens simbólicos, nós também podíamos ter o nosso – o macaco.

Como era praxe Lima Barreto criticar tudo o que advinha do futebol, essa crônica é uma raridade em sua obra. Foi a partir de uma situação, no mínimo preconceituosa, que teria acontecido com uma equipe brasileira de futebol, que ele encontrou a possibilidade de defender a ideia de ressignificação do animal (macaco) como expressão do povo brasileiro. Em geral, os nossos irmãos primatas, assim como a expressão “macaquitos” utilizada na língua espanhola, serviam, e ainda servem, para ofender e ridicularizar as pessoas negras. Ele propôs outro significado ao animal e apontou a importância do futebol, talvez de forma pioneira, como símbolo de brasilidade.

O futebol, segundo ele, “jogo tão zoologicamente executado com os pés”, talvez se tornasse o agente “regenerador da raça brasileira”. Hipótese que foi levantada em “Bendito *football*”, publicada na Careta, de primeiro de novembro de 1921. Mais uma vez ele ironizava a “imensa importância” que o esporte vinha tomando no país, onde, cada vez mais, ocupava páginas e mais páginas dos jornais. A “importância” se dava porque o futebol colaborava para acirrar rivalidades entre os bairros da capital; fomentava o dissídio entre os partidos políticos; e estimulava a disputa entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro. A sua conclusão era taxativa: “O *football* é eminentemente um fator de dissensão nacional”.

O motivo maior, do desencanto final do nosso eminente escritor carioca, foi a leitura do jornal Correio da Manhã, que anunciava a decisão da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) que prescindia dos jogadores negros no torneio internacional que se realizaria na Argentina. Segundo ele, o presidente da República havia se manifestado e afirmado:

[...] gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano. [...] numa representação nacional, não é decente que tal gente figure.

O fato teria acontecido em setembro de 1921, quando Epitácio Pessoa, que governou de julho de 1919 a novembro de 1922, era o presidente do país. Ele venceu a eleição disputada com Rui Barbosa, parecendo ser uma alternativa à política “café com leite”, mas continuava representando os interesses das elites paulistas e mineiras. Não encontrei nos jornais a fala completa do presidente para confirmar ou não o texto do Lima.

O Correio da Manhã, no sábado, dia 17 de setembro de 1921, na coluna Correio Sportivo, anunciava que para o torneio sul-americano que se realizaria em Buenos Aires: “O presidente da República não quer “homens de cor” no nosso scratch”. O diário informava que a organização do selecionado nacional deveria seguir critérios diferentes do que havia sido encaminhado, e, sentenciava: “por clubismo ou coisa qualquer parecida, dará em resultado o fracasso da nossa representação”.

Parecia haver um consenso nacional de que a falta de jogadores negros na seleção enfraqueceria o nosso time no Campeonato Sul-Americano de Futebol daquele ano. Também o “clubismo”, verificado nas disputas entre as principais ligas de São Paulo e Rio de Janeiro, afastaria alguns dos principais jogadores da seleção. Conforme deixou registrado o jornal carioca: “A questão da cor, é apontada a todo o momento como a mais prejudicial à organização do nosso *team*, vindo a ser um dos maiores e mais razoáveis motivos da ineficiência do quadro que representará e defenderá as nossas cores, em Buenos Aires”.

Procedia todo esse descontentamento daqueles que queriam, como consolo, devido a forte intransigência não apenas do presidente Epitácio Pessoa, mas também dos principais dirigentes do futebol, dar o seu grito de alarme: - “Não venceremos sem os jogadores negros”. Aquela que era considerada a melhor “linha média” (meio de campo) de todo o Brasil, quer pelo seu conjunto, quer ainda pelo valor pessoal de Nicolino, Bráulio e Coutinho, jogadores do Andarahy, ficaria de fora do selecionado. Também haviam sido deixados de lado, nomes como o de Muniz, do América F. C., Gilberto e Machado (do Andarahy); Gonçalo (do Palmeiras); De Maria, Epaminondas e Martins (do S. Christovão), e muitos outros que tiveram a “desdita de não cair nas boas graças desses que olham orgulhosamente de cima para baixo”.

O redator do jornal ainda questionava: “Quem ousará contestar que o *team* do Andarahy é, presentemente, o que maior contingente de jogadores poderia fornecer para o *scratch* brasileiro?” O Andarahy Athletic Club foi fundado por operários da Fábrica Cruzeiro de tecidos, em 1909. Estava localizado na zona norte da capital, em bairro que cederia o nome para o clube. Como o Bangu Athletic Club, fundado em 1904, o Andarahy era um clube formado por trabalhadores, que moravam em bairros periféricos de maioria negra.

A maioria dos principais jogadores de futebol que jogavam naqueles clubes eram mulatos e mestiços, digam-se, negros, portanto, como apontava o jornal:

O governo brasileiro auxiliou em algumas dezenas de contos a Confederação Brasileira de Desportos, mas exigiu-lhe também uma retribuição: a não ida para o Rio da Prata de jogadores que não sejam rigorosamente brancos. O sr. Epitácio Pessoa foi quem exigiu que não fossem incluídos “negros” no *scratch* brasileiro!

O governo brasileiro comprou a CBD para que não levasse os “elementos genuinamente brasileiros” para a Argentina. Estava de acordo com o projeto de branqueamento do país levado a cabo pelas elites. Nesse sentido, foi incentivada a imigração de europeus, foi proibida a entrada de imigrantes negros norte-americanos, e foi negada a participação de jogadores negros na seleção nacional.

O “medo da cor” que o jornal apontava, era a ameaça ao imaginário de “paraíso racial” e “civilização europeia” que vinha criando o governo brasileiro. A participação dos jogadores negros no *scratch* brasileiro mostraria ao mundo uma nação atrasada e recém-saída da escravidão, - a última do planeta a abolir. O preconceito e o estereótipo contra os negros, em geral, os representavam como ignorantes e incapazes, e era isso que não poderia ser mostrado fora do país.

Por outro lado, também havia outros interesses em jogo, como: a desorganização e as desavenças internas à CBD, como demonstrara a renúncia de parte da comissão técnica que levaria a seleção ao Sul-Americano; e as disputas, pela profissionalização do esporte e pelos mercados de torcida e imprensa, entre os principais clubes cariocas e paulistas. Mesmo no seu início, o futebol já demonstrava interesses econômicos e políticos de grupos diversos que encobriam facetas racistas e preconceituosas.

Tão logo aquela notícia do início de setembro chegou aos pagos do sul, também O Exemplo se manifestou. No dia 28 de setembro de 1921, publicou dois artigos sob os títulos de “Seleção odiosa” e “Gesto deplorável”. O primeiro texto criticava “aquele que infelizmente vem dirigindo a Pátria Brasileira” por deixar de fora do selecionado os jogadores negros. Segundo o autor, Romualdo D’Ávila, pela intervenção do presidente da república na CBD, “tiramos a conclusão, de que s. s. [sua excelência] só compreende o esforço e a necessidade do negro, no momento em que for necessário nos lançarmos ao campo da batalha, ante o fogo incessante e mortífero da metralha destruidora”.

Ou seja, o negro não serviria para compor a seleção nacional de futebol, apenas para trabalhar e desenvolver o país, para ir ao *front*, como “bucha de canhão”, em sua defesa. Fazia alusão ao cargo que Epitácio Pessoa ocupou como representante do Brasil na conferência de Versalhes de 1919, evento que encerrou oficialmente a Primeira Guerra Mundial. Era preferível ser a “Pátria espezinhada, derrotada, perante o estrangeiro por uma legião de brancos, do que sair vitoriosa, engrandecida e altaneira, com um negro junto aquela parcela de lutadores”.

Depois de uma Guerra Mundial que se dera também por questões raciais; de um mundo que defendia países que tinham legislações e “linhas de cor” que segregavam pessoas pela cor da pele, o Brasil se arvorava a ser exemplo de “harmonia racial”. A imagem que o governo brasileiro vendia ao mundo, - de um país onde todos os povos eram bem-vindos, aqui não existiria racismo e nem legislação que dividiria a população entre negros e brancos -, era rasgada com intervenções como aquelas.

Lima Barreto e os redatores do jornal O Exemplo, em lugares e com opiniões diferentes, estavam atentos para desmascarar, em alguns aspectos, as elites brasileiras. Como procurei demonstrar, a pesquisa sobre o futebol pode colaborar para divulgar outras histórias da população negra. A vida e a obra literária de Lima é um exemplo. Elas se confundem e revelam que ele não foi um intelectual contrário ao futebol por desinformação. Segundo a sua escrita, ele fazia “uma literatura militante para maior glória da nossa espécie na terra e mesmo no céu”.

Ele não foi apenas um “triste visionário”. Foi protagonista atento ao mundo em que vivia, ora fazendo parte, ora se colocando acima dele para denunciar. Ficou doente com tanta desgraça e corrupção que viu, sentiu e deixou registrado em sua obra. Manteve-se na fronteira entre o subúrbio, onde morava e localizava seus principais personagens, e o centro da cidade, local em que trabalhava como funcionário público e travava animadas conversas com outros intelectuais.

Ao longo de sua existência e construção literária, nunca perdeu de vista a crítica aos políticos republicanos, às desigualdades sociais e às condições miseráveis da população brasileira. Já naquela época, formada na sua maioria por negros e negras.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, B. O. de L. **O “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol.** Doutorado (Educação Física) - Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2010.

CAFÉ, Lucas Santos. **Dos simpaticíssimos aos incivilizados:** a formação do cenário futebolístico de Salvador (1895-1918). Mestrado (História) - UFBA, 2013.

CALDAS, W. **O pontapé inicial:** memória do futebol brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990.

COSTA, A. C. B. **Bate-bola com a crônica:** o futebol, o jornalismo e a literatura brasileira. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social. Faculdade (Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2001.

CARVALHO, Claunísio Amorim. **Terra, grama, paralelepípedos:** os primeiros tempos do futebol em São Luís (1906 – 1930). São Luís: Café e Lápis Editora, 2009.

DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol:** esporte e sociedade brasileira. RJ: Pinakotheke, 1982.

DENARDIN, Pedro Ernesto; DIENSTMANN, Carlos. **Um século de futebol no Brasil.** Porto Alegre: Rede Globo, 2000.

DOMINGUES, Petrônio. O “campeão do Centenário”: raça e nação no futebol paulista. **História Unisinos**, v. 19, n. 3, set./dez., 2015.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses:** futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol.** Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUIMARAES, A. S.; GUIMARAES, M. S. O negro no futebol dos brancos: o caso marcante de Arthur Friedenreich. CAOS. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, v. 16, 2010.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil:** uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2010.

HELAL, Ronaldo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. RJ: Ed. Mauad, 2001.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Toda crônica**: Lima Barreto. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

MAZZONI, Thomaz. **História do futebol no Brasil**. São Paulo: Ceia, 1950.

MELO, Victor Andrade de (Org.) **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**: novas crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SANTOS, Jorge A. dos. **Intelectuais brasileiros e esporte**: meio século de disputas. São Paulo: Clube de Autores, 2006.

SANTOS, José Antônio dos. **Prisioneiros da história**. Trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional. Doutorado em História. Porto Alegre, PUCRS, 2011.

SCHWARCZ, Lília M. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

SILVA, F. C. T. da; SANTOS, R. P. dos (Orgs.). **Memória social dos esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2006.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SOARES, Antonio J. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: uma releitura da história oficial. Doutorado em Educação Física. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998.

SPENCER, Herbert. **Da educação intelectual, moral e physica**. Lisboa: Empreza Litteraria Fluminense, 1886.

WIEVIORKA, Michel. **Racismo e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Editora, 1995.